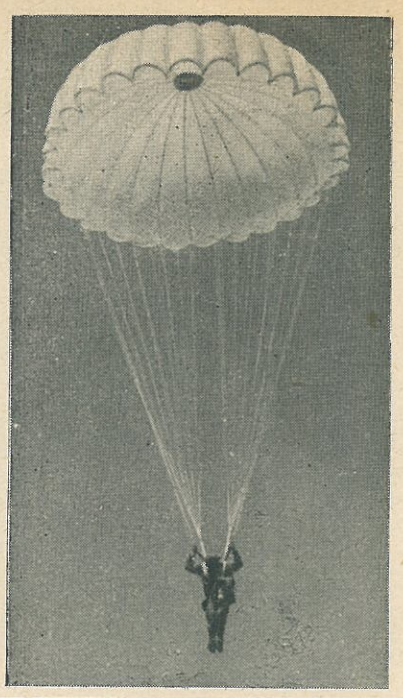
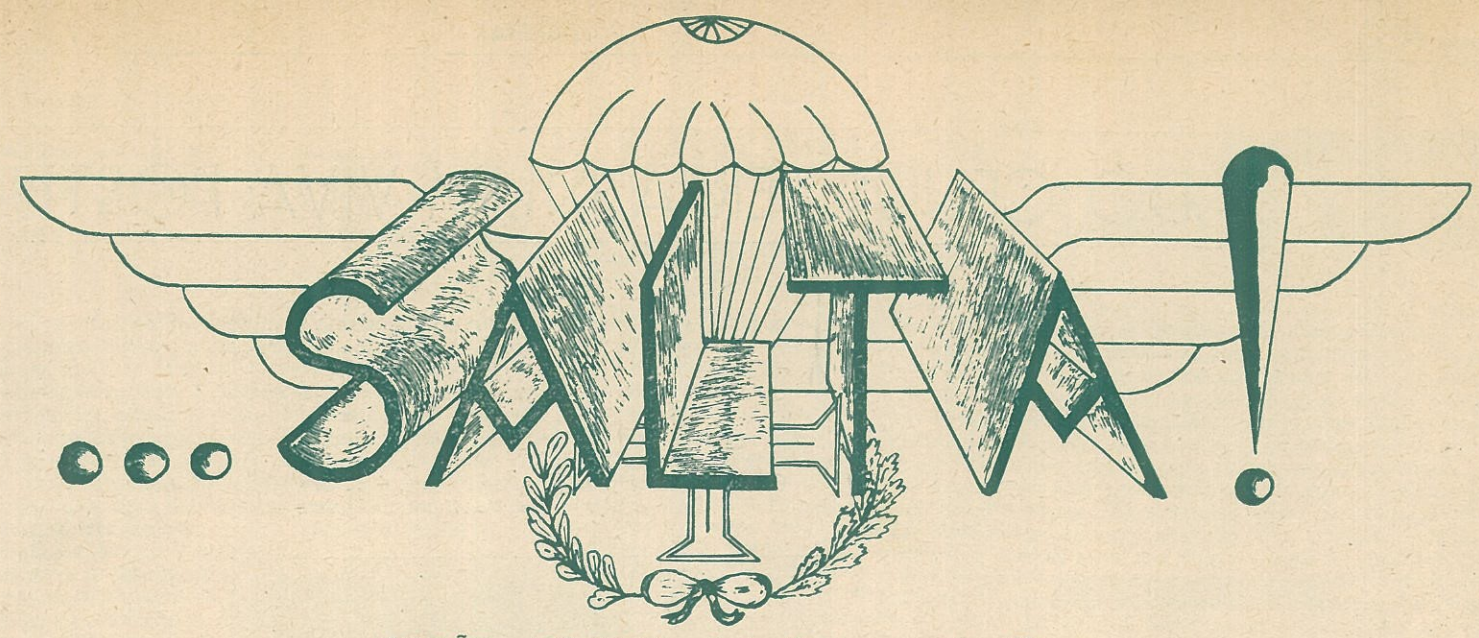




ORGÃO MENSAL DO PARAQUEDISTA

ANO I — Setembro de 1956 — N.º 1

Redacção e Administração
BATALHÃO DE CAÇADORES PARAQUEDISTAS

Visado pelo Ex.mo COMANDANTE

EDITORIAL

...SALTA!

Mais dum ano vai decorrido após a partida para a Espanha, da futura primeira Unidade paraquedista portuguesa. Surge hoje, dos esforços e dedicação dum punhado desses pioneiros, como que a materializar os nossos pensamentos, este pequeno jornal.

Tal facto é para todos nós um motivo de regosijo. Abrindo as suas páginas a todos aqueles que queiram dar-nos a sua colaboração, esperamos que ele poderá trazer novos rumos à formação integral do paraquedista e que possa ser o impulsionador de novas vontades e de juvenis mas, justos entusiasmos, contribuindo mesmo, para a revelação de pequenos valores que de outro modo talvez nunca se revelassem. Despretencioso, simples, como sempre tem sido apanágio dos paraquedistas de todo o mundo, ele procurará cimentar ainda mais o espírito de camaradagem da Unidade e levar fora dela, a quem o queira receber, a saudação amiga da mais jovem Unidade portuguesa.

... SALTA! ... é o seu título e, esse título que tem algo de imperativo criou para aqueles que nele trabalham uma responsabilidade grande; evitar que se percam os esforços e canseiras que de longo tempo se vêm acumulando para que esta realidade surgisse e perdure pelos tempos fora.

No momento que passa, em que o mundo tão conturbado anda, em que ambições de toda a espécie se manifestam a todo o momento, quando o património sagrado da terra portuguesa que os nossos maiores nos legaram, se encontra ameaçado, os paraquedistas não podem ficar indiferentes a tudo isso e, este jornal é mais um símbolo da sua vitalidade, do seu desejo de bem servir, mais uma afirmação de fé nos destinos inquebrantáveis da Nação Portuguesa.

Mário de B. Monteiro Robalo
Capitão Paraquedista

Paraquedista não é só aquele que salta em paraquedas; é o que quando tem fome, canta; quando se sente esgotado, marcha, e, quando tem mêdo, procura o inimigo e faz-se matar vendendo cara a sua vida.

RECORDANDO...

Esboço Histórico

Recordar o passado, é por vezes triste e pesaroso. Se esse passado, foi coberto de dores e sofrimentos, sem uma causa benéfica a justificá-lo, devemos deixá-lo esvair-se como o fumo, no espaço gasoso da atmosfera. Em contrapartida, quando ele, embora tormentoso, é coroado pelos louros da vitória, inebria-nos a sua recordação!...

Foi em 15 de Abril de 1955, que partiu para a Escuela Militar de Paracaidistas em Alcantarilla — Espanha, uma formação de militares, recrutados das diversas Armas do Exército Português.

Três mêses passados, regressaram a Portugal os componentes da que bavia de ser primeira Unidade Paraquedista das nossas Forças Armadas. Depois desse espaço de tempo, de uma instrução intensa e fatigante, onde a força de vontade aliada à força física teve que ser posta em prova, minuto a minuto, numa luta constante, Portugal contava dentro das suas fronteiras com pouco mais ou menos duas centenas de homens, que tudo fizeram para prestigiar o nosso nome no estrangeiro e que estavam dispostos a aplicar o máximo das suas energias onde, como e quando fosse necessário, em prol da causa da Pátria.

Muitas vezes, os momentos de saudade e as muitas dificuldades a ultrapassar, faziam com que vacilassem, contudo a recordação sempre presente de que a Pátria deles precisava num futuro próximo ou longínquo, era o seu estímulo para esses momentos de desalento.

Assim, em 9 de Julho, tinham as altas patentes militares portuguesas e espanholas, galardoado com os seus títulos esse punhado de homens, como recompensa do seu esforço. Crentes na sua fé, sentindo orgulho do que nos seus peitos luzia, desembarcaram no Aeroporto da Portela de Sacavém em 15 do mesmo mês e foram aquartelados provisòriamente, no Campo de Tiro da Serra da Carregueira.

No dia 14 de Agosto seguinte, recebiam das mãos de S. Ex.ª o Senhor Presidente da República o seu guião e ao mesmo tempo efectuavam a sua primeira apresentação em público.

Soube acarinhá-los o povo da Capital do Império, que no percurso através das ruas, pôde ver pela primeira vez o conjunto das suas boinas verdes e a sua marcha alongada, dispensando-lhes uma ovacionosa salva de palmas.

Às autoridades militares, não passou despercebida a forma como souberam apresentar-se, e assim por Portaria de 28 de Outubro, na Ordem à Aeronáutica, era publicado um louvor a todos os Oficiais, Sargentos e Praças do Batalhão, não só pela altivez com que se apresentaram no anterior desfile, como também, pela dedicação à instrução e boas impressões deixadas nas autoridades civis e militares com que tiveram relações no estrangeiro.

Novamente, nas comemorações do Centenário do heróico Mousinho de Albuquerque, a 24 de Novembro, são chamados a desfilar e mais uma vez o público lhes dispensou o seu carinho.

Em 23 desse mês, era publicado em Diário do Governo o Decreto gue formava e regulamentava oficialmente o Batalhão de Caçadores Paraquedistas, e o colocava junto de uma das Bases Aéreas.

Desta forma, em 3 de Janeiro do corrente ano, deram entrada nas instalações do seu aquartelamento no Polígono Militar de Tancos.

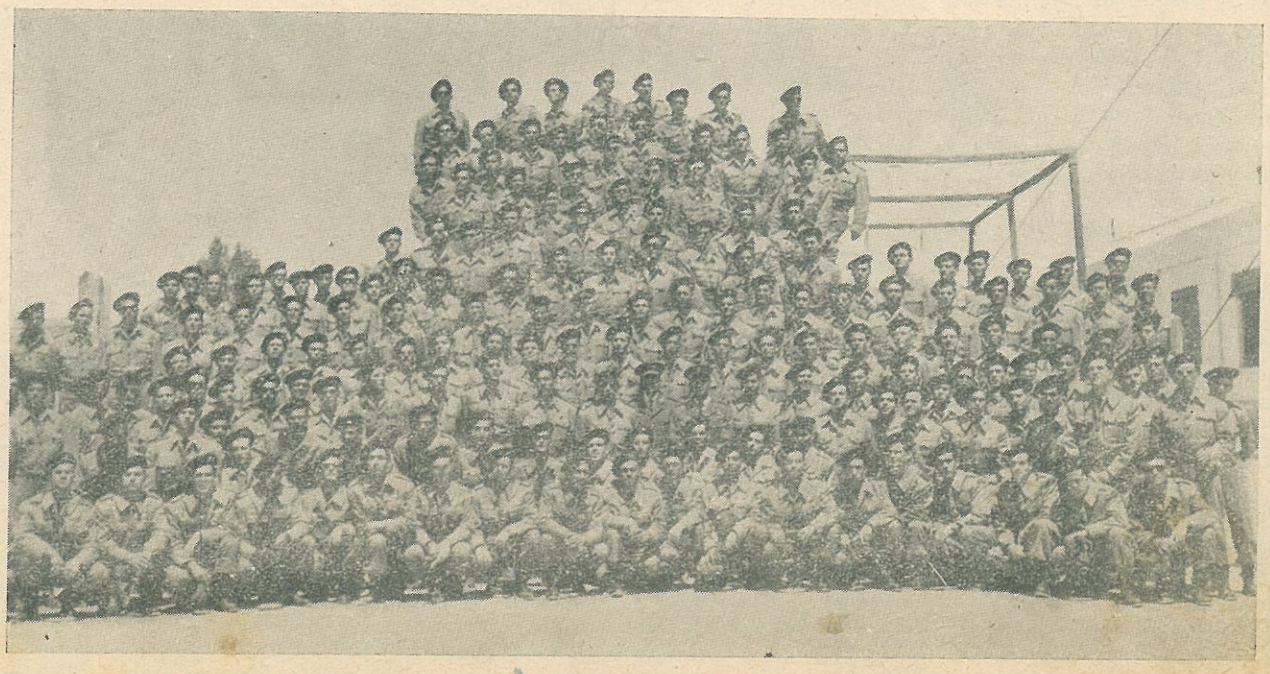
Em Fevereiro, foi realizado o primeiro lançamento de Paraquedistas nuns terrenos cedidos na vila da Golegã. Tudo decorreu da melhor forma perante a espectativa geral, da multidão que acorreu a apreciar o espectáculo inédito no país, e que ficou com a melhor das impressões.

Inicia-se desde então, a série contínua de lançamentos, no seu campo de saltos próximo do Arripiado, à margem do rio Tejo, aliada à instrução ininterrupta no seu aquartelamento.

Em 23 de Maio, digna-se S. Ex.ª o Senhor Subsecretário da Aeronáutica acompanhado de diversas individualidades portuguesas e estrangeiras, vir inaugurar solenemente as instalações do Batalhão de Caçadores Paraquedistas. Efectuou-se depois da cerimónia inaugural, um lançamento com as condições atmosféricas plenamente desfavoráveis, o que deixou o melhor agrado, nas citadas individualidades, que se tinham deslocado à zona de saltos.

Em 13 de Junho, desloca-se uma formação de Paraquedistas à cidade de Coimbra, e ali, mais uma vez demonstram perante numeroso público as suas qualidades de homens que se lançam no espaço.

(Continua na página 3)



A primeira formação de Paraquedistas portugueses após o seu curso em Alcantarilla — Espanha

DO CÉU À TERRA NUM VIVA PORTUGAL

O primeiro título de paraquedista civil concedido a um português foi conquistado por uma senhora!... A notícia divulgada não nos surpreendeu porque já alguns tivemos a feliz oportunidade de ser apresentados a D. Isabel Bandeira de Mello (Rilvas) e logo sentir o seu jovial interesse por tudo que se relaciona com as coisas do Ar e em especial pelo Paraquedismo.

Impressionou-nos depois que se tenha deslocado propositadamente de longe para ver-nos saltar, não como passiva espectadora, mas sim como entusiasta predisposta a como nós lançar-se no espaço, corpo confiado à seda e a alma posta nas mãos de Deus. E logo a seguir nos tenha visitado na «nossa casa» recém ocupada, brindando-nos com a sua fidalga simpatia que nada havíamos feito por merecer, confirmando o desejo — que já era decisão — de ser PARAQUEDISTA!

Conhecendo esta vontade entusiástica — característica primária do Paraquedismo — e tendo acompanhado o seu comportamento brilhante no Curso que frequentou, não nos surpreendeu a notícia mas corremos a felicitá-la e a pedir-lhe impressões tal como fazemos quando um companheiro acaba de passar pela «prova real» do primeiro salto.

D. Isabel acedeu gentilmente e, mais que simples impressões deu-nos os seus pensamentos sobre o Paraquedismo e um relato do Curso. Transmitimo-los aos nossos leitores que lhe dedicarão o interesse merecido. Em nome deles agradecemos e todos nós felicitámos D. Isabel Bandeira de Mello (Rilvas) pela forma brilhante como soube conquistar o seu título.

Para uma distinta Paraquedista todos formulámos os desejos mais ardentes que Paraquedistas trocam entre si: «No mesmo céu que cobre as nossas sedas, bons saltos!».

◌ ◌ ◌

I

Eu que tantas vezes tinha repetido os versos da Portuguesa e as frases célebres que queria que fossem a maior valorização e as «companhias» do meu primeiro salto, esqueci-as completamente... e já a aproximar-me do chão, lembrei-me apenas.. de tudo!

Oh meu Deus, VIVA PORTUGAL!

Não há muito tempo, o Sr. Capitão Videira disse-me que tinha escrito um artigo para uma revista portuguesa de aviação que depois dum salto o paraquedista sente-se um HOMEM! Todos nos rimos, mas eu percebi que olhavam para mim a tentar descobrir como é que na realidade eu me sentiria.

É com toda a simpatia que venho aqui contar, num ambiente que gosta e conhece o paraquedismo porque é que eu fui tirar o brevet e como se passou aquilo lá por França.

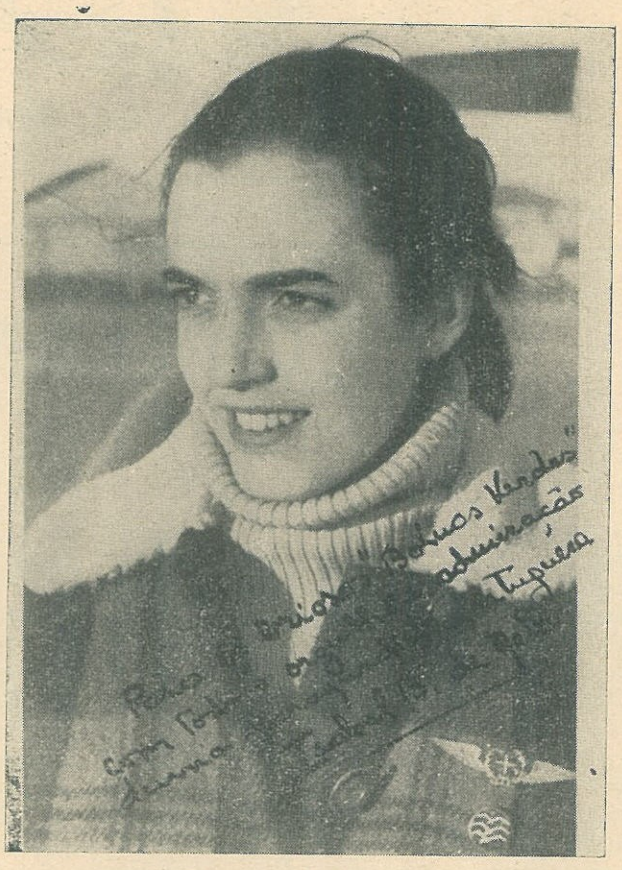
O paraquedismo era uma ambição que me foi conquistando à medida que me fui familiarizando com o ar. É verdade! E fico toda triste quando me dizem que sou uma aviadora degenerada «por agora andar a saltar dos aviões». A primeira vez que puz um paraquedas foi para receber o meu baptismo de planador. Tenho que confessar que liguei muito mais ao paraquedas do que ao avião! Nunca tinha visto nenhum e, como as crianças pequenas senti a tentação de o abrir para ver o que estava lá por dentro. Foi exactamente um ano depois que comecei a minha instrução no vôo à vela Fiquei entusiasmada! Não há dúvida que ele nos dá a sensação mais verdadeira do que é voar, còmodamente instalada numa espécie de «varandinha suspensa» — como eu lhe chamo —, pois o nariz do planador é bastante pequeno e as asas ficam acima e atrás da cabeça do piloto.

Mas no silêncio e serenidade que o vôo à vela nos oferece, comecei a desejar ver-me livre até daquela carcassa, para evolucionar pelo ar com os meus próprios meios, os braços fazendo de asas, o corpo todo constituindo um «equilíbrio voador».

Várias vezes perguntei ao instrutor se não precisava de alguém para experimentar os paraquedas: — «Assim até dava mais confiança aos pilotos». Mas ele olhava para mim e ria-se. Até eu também às vezes ria de mim e pensava que devia ser melhor deixar o paraquedismo para os «destemidos», para os atletas, para os mais pesados que os meus 48 kilos!

Entretanto o paraquedismo militar recebeu no nosso país um impulso decisivo. Agora já não me parecia tudo tão «jornalístico» nem tão lendário. Também nós tínhamos os nossos paraquedistas!

E se eu tentasse!? Se eu fosse a França tirar um brevet desportivo? Mas o pior é que eu só conhecia uma enfermeira I. P. S. A. (Infermière Parachutiste des Services Auxiliaires) que me levou a saltar da torre de Choisy, em Paris, e não sabia o que havia de fazer para me inscrever.



ISABEL BANDEIRA DE MELLO (RILVAS)

Enquanto estava nestas hexitações, fui à Golegã assistir ao primeiro salto oficial dos paraquedistas portugueses. Era o segundo lançamento que eu via, mas não sei! Cá a nossa gente dá-lhe uma «alma» que se fica realmente convencido que o paraquedismo é qualquer coisa de grande! Não havia dúvidas, era aquilo mesmo que eu aspirava! Meti então mãos à obra!

Quáse toda a gente me dizia que eu ia perder tempo porque aqui ninguém me deixava saltar. Mas por isso mesmo quiz ir para Biscarrosse que, além de ser escola oficial, só tem um estágio anual para principiantes, por ser um centro destinado essencialmente a brevetar futuros instrutores e formar campeões.

Como não conhecia Biscarrosse e não sabia se gostaria ou não de ficar alojada no centro, o meu Pai emprestou-me o carro e o chauffer que está há 23 anos em nossa casa e que veio a tornar-se uma das pessoas mais populares entre os paraquedistas. Só à saída de Lisboa é que ele não ia satisfeito! Perguntei-lhe o que tinha e ele respondeu-me: « — Vossemecê, menina Isabel, sempre se mete em cada sarilho! Mas para que é que vossemecê quer mais isto agora? Para assustar os seus Pais e a mim também, que andei consigo ao colo.. »

Os estimados leitores não se devem interessar muito com as opiniões do chauffer, mas para mim representa o último ralhete que ouvi! Dali em diante nunca mais ninguém se admirou que eu quizesse saltar!

O que foi meu curso, contá-lo-ei depois Dele resultou a satisfacão dos meus primeiros anseios de paraquedista e mais se arreigou em mim o orgulho que tenho pelo paraquedismo desportivo.

Nós saltamos pelo prazer do salto em si! A nossa missão é saltar correctamente e procurar adquirir estilo pessoal. No avião não há uma voz de comando como o «GO» ou qualquer outra. Apenas um sinal e um sorriso amigo do instrutor. Dizem eles que aquilo é desporto e não se força ninguém. Mas é também um desporto como não há nenhum outro! O salto é uma prova que damos a nós próprios das nossas possibilidades!

Nos primeiros saltos o que mais me custava era «chegar e sair» pela porta. Uma vez em cima da asa, tudo é diferente! É uma espécie de euforia. Aquele «célebre» passo em frente, seguido da nossa posição de equilíbrio, faziam-me sentir «mestre» da minha arte, das minhas reacções, de mim própria, na certeza de que através do salto, vivo uma das facetas da plenitude do carácter do ser humano.

Felizmente e até se lá chegar e para o manter, temos muito que dominar as nossas fraquezas, o que forçosamente nos torna humildes e gratos!

Outro aspecto que me conquistou no paraquedismo foi o alto sentido de responsabilidade que ele nos impõe. Eu é que dobrava o meu paraquedas; por livre vontade, por desporto ia lançar-me no espaço, agir e defender-me sòmente com as directivas que me tinham sido dadas! Sou, num momento mais arriscado, inteiramente responsável pela vida que Deus me deu, tendo que dar-lhe contas do uso que faço dela!

Ainda dentro das responsabilidades, há que pensar que paraquedismo desportivo será o que cada um de nós for. Pertencemos a uma «família», fazemos parte dum grupo, duma estatística. A nossa inconsciência, a nossa insuficiência, vão aumentar o número daqueles que desacreditam e desprestigiam o Paraquedismo.

Pensar que a maior parte das pessoas acham que o paraquedista tem qualquer coisa de «anormal» ou «que aquilo vai de qualquer maneira»!...

O amor ao paraquedismo tem que servir-nos de estímulo e dar-nos persistência para o impormos tal como sonhamos, tal como ele é em toda a sua grandeza! Doutra maneira falhámos redondamente. O paraquedismo não morre, é necessário. Há missões que só ele pode realizar e que sempre se cumprirão enquanto existir na humanidade o sentido do dever, espírito de sacrifício e a caridade para com o próximo.

Portugal com certeza não vai pôr de lado a experiência dos outros países e estou certa que não tardará em criar os seus corpos de «paraquedistas de socorro»!

Mas, até lá porque não se há-de fazer paraquedismo desportivo que tanto bem faria à nossa juventude dum modo geral infelizmente tão comodista e superficial?

Só mais umas palavras que são de agradecimento ao digníssimo Comandante e Oficiais do Batalhão de Paraquedistas pelo amável telegrama que me enviaram pelo meu primeiro salto. Não imaginam como me deu estímulo e meteu em brios para vir a merecer realmente a vossa consideração e as vossas felicitações! Sinceramente muito agradeço todas as atenções que têm tido comigo.

E agora; faço votos para que o nosso próximo encontro seja «a descer» pelo céu azul de Portugal!

Com desejos de muitos e «grandes saltos».

Isabel Bandeira de Mello (Rilvas)

O HOMEM E... A INVENÇÃO

Paco Rosón, capitão paraquedista espanhol, tem 39 anos de idade, quatro ângulos de ferido sobre o braço esquerdo, duas campanhas, quinze condecorações de guerra, três de paz e um carnet de mutilado útil pela Pátria.

Não escrevo estas linhas, com a finalidade de traçar a biografia de um homem, mas sim, com o simples desejo de descrever o que ele fez por um ideal. Paco Rosón, inventou um aparelho de abertura retardada de paraquedas.

Se o salto com paraquedas de abertura automática, por vezes é perigoso, o salto com paraquedas de abertura manual, atendendo às múltiplas circunstâncias, torna-se indubitàvelmente, mais sujeito a perigos.

Rosón, em 1953, assistiu a um exercício com saltos de abertura retardada. Durante os mesmos, um 1.º cabo que se lançou a 1.000 metros de altura e tinha de abrir o paraquedas a 10 segundos de queda livre, não o fez. Jámais se souberam concretamente, quais as causas que motivaram esse desastre.

Seria por distracção ou perda de reflexos ou ainda por avaria do cronómetro por que se regulava? Ninguém o soube.

Não era esse paraquedista, um inexperiente em saltos de tal género, pois já havia efectuado bastantes. Contudo, ele falhou.

Na mente de Paco Rosón, já germinava a ideia de inventar um aparelho, pelo qual se efectuasse a abertura retardada de paraquedas automàticamente.

Estímulado pela impressão que lhe causou a morte de um colega de armas, procurou desde então, com mais afã traduzir a sua imaginação para a realidade.

Desta forma, creou um dispositivo baseado no electromagnetismo, que por as suas engrenagens rudimentares e facilidades de avaria, não o satisfez. Todavia não desanimou e continuando no seu intento, eis que vê coroados de êxito os seus esforços. Inventou um aparelho essencialmente mecânico, sem electromagnetismos nem pilhas de complexo e perigoso funcionamento. Adaptado ao arnês do paraquedas, é posto a funcionar por intermédio de um cabo enganchado no avião, no momento do salto, o qual acciona um sistema de relojoaria, préviamente regulado no número de segundos desejado para dar-se a abertura.

Ele mesmo, disposto a ultrapassar todas as dificuldades, experimentou o seu invento, gravando o seu nome no índice dos inventores e contribuindo para a segurança de muitas vidas.

«O Homem pensa e com força de vontade, cria a Obra».

Claudino Ferreira

APRENDER É VIVER

Enriquecer os conhecimentos quer intelectuais ou técnicos, eis uma necessidade, senão um dever, que todo o ser humano deve ter em mente.

Por consequência, sempre que possível, traremos às colunas do «nosso jornal» assuntos que possam contribuir para o alargamento dos nossos conhecimentos.

Todos nós conhecemos as sensações por vezes desagradáveis, que, sentimos quando viajamos de avião. A essas sensações desagradáveis chamar-lhe-emos «Enjôo do Movimento».

No ouvido interno existem três tubos muito pequenos cheios de líquido, formando cada um mais ou menos um semicírculo. Esses canais semicirculares contêm pêlos diminutos que, quando nos movemos, oscilam com a movimentação do líquido e enviam mensagens ao cérebro, o qual, então usa a informação para controlar o equilíbrio. Se esse movimento fôr exagerado essas mensagens serão enviadas à parte do cérebro denominada «Centro do vómito». Simultâneamente outras partes do cérebo recebem mensagens, que se transformam, em outras tantas sensações desagradáveis, tais como: enjôo, sonolência, excitação nervosa, etc.

Existem várias formas de diminuir ou mesmo eliminar, o «enjôo do movimento.

A ciência pôs à nossa disposição várias drogas de efeito mais ou menos satisfatório, mas que, nem sempre estão à mão, nem delas convém abusar.

É útil portanto conhecer algumas precauções que a serem tomadas bastante nos beneficiarão. Assim devemos: não ingerir bebidas alcoólicas, não fixar o olhar em pontos móveis e se possível fixar a linha do horizonte, e reclinar a cabeça para trás de maneira a que não fique exposta a grande movimentação.

Rodolfo Almeida

O DIA DAS FORÇAS AÉREAS

No passado dia 1 de Julho, tiveram lugar no Aeroporto da Portela de Sacavém as solenidades comemorativas do «Dia das Forças Aéreas».

De todas as artérias convergentes com aquele Aeroporto, ainda muito antes da hora marcada para o início do programa, começou a afluir em massa compacta a multidão. Essa multidão àvida de espectáculos impressionantes, acorria para admirar, aqueles que do céu e no céu vivem num sentimento patriótico.

O tempo, que aos primeiros alvores da manhã se havia mostrado bom, modificou-se instantâneamente, como que a querer servir de adversário. Por vezes começou a cair chuva. Todavia, o público não esmoreceu e firme nos seus lugares lamentava apenas que os elementos se houvessem transformado, tendendo assim a prejudicar o espectáculo.

Entretanto chegou Sua Ex.ª o Senhor Presidente da Repúlica ao qual prestou guarda de honra, uma formatura da Base Aérea 1. Nesse instante descolaram os 4 aviões que transportavam as forças paraquedistas.

Nos rostos dos assistentes, notou-se algo de admirativo, ao verem acercarem-se os aparelhos que haviam levantado convergendo desta forma todos os olhares para as máquinas que no espaço trabalhavam. A uma altura de 400 metros, chegaram à vertical do ponto onde nos encontráva-mos e nesse momento, viram-se sair para o espaço uns pontos negros, que momentos não eram passados, debaixo das cúpulas enfunadas dos paraquedas se sustinham no espaço. Eram os paraquedistas!...

O público num frémito constante admirou o espectàculo inédito.

Ainda pairava no ar a admiração que causaram os paraquedistas, quando sem outro aviso, a não ser o ruído dos seus motores de reacção, elevaram-se no ar os aviões componentes da esquadrilha dos «Dragões», Evolucionando por sobre a multidão a baixa altura — mais não permitia o teto de vôo — conseguem demonstrar a sua técnica e perícia.

E como estava previsto efectuou-se em seguida o desfile aéreo, passando sobre nós, num conjunto harmonioso os mais diversos tipos de aviões de que, as Forças Aéreas dispõem.

Terminado o desfile, na Aero-gare apresentou-se a formatura do Batalhão de Caçadores Paraquedistas. Sua Ex.ª o Senhor Presidente da República, desceu do lugar onde se encontrava, e veio entregar nas mãos do Ex.mo Comandante do Batalhão, a Bandeira Nacional. Depois dos acordes da «Portuguesa» fez-se silêncio absoluto. Os paraquedistas ergueram os braços à altura dos seus peitos, em direcção ao pavilhão verde-rubro, e em uníssono, prestaram juramento de fidelidade à sua Bandeira, à Pátria.

E assim terminaram as solenidades do do «Dia das Forças Aéreas».

Começaram a retirar-se os milhares de pessoas, e nós ficamos cientes, que no seu subconsciente levavam gravadas o valor, a audácia e a técnica dos que honrosamente servem as Forças Aéreas, e souberam mostrar nesse dia, ainda que prejudicados pelo tempo, que nada os atemoriza, quando sejam algum dia chamados a defender a Pátria.

Mandamentos

PARAQUEDISTAS — ALEMÃES

I

O paraquedista deve ambicionar as batalhas e treinar-se de modo a suportar todas as provações.

II

O paraquedista deve cultivar a verdadeira camaradagem porque só com a ajuda dos seus companheiros pode triunfar.

III

O paraquedista evita conversar e não se deixa corromper. Os homens actuam enquanto as mulheres falam. O falar pode levá-lo à sepultura.

IV

O paraquedista é calmo e prudente, forte e resoluto. Só o valor pessoal e o entusiasmo pelo espírito ofensivo permitem vencer no ataque.

V

As munições são preciosas em presença do inimigo. Quem consome munições sem ser necessário, e sòmente para se confortar a si mesmo, é um homem que falha. É um fraco, que não merece o título de paraquedista.

VI

O paraquedista nunca se rende. Ficar vitorioso ou morrer são os seus pontos de honra.

VII

O paraquedista só pode triuntar se poder tirar todo o rendimento das suas armas e deve submeter-se ao seguinte dilema: primeiro as minhas armas; depois, eu.

VIII

O paraquedista deve conhecer tados os pormenores da emprêsa que se vai executar, para, se o seu guia morrer, estar pronto a substituí-lo imediatamente.

IX

O paraquedista, contra um inimigo a descoberto, combate com cavalheirismo, mas não dá quartel à guerra de guerrilhas.

X

O paraquedista tem sempre os olhos bem abertos e deve adaptá-los às coisas mais arrojadas. É veloz como o galgo, flexível como a sola e duro como o aço Krupp. Só assim merece ser considerado guerreiro alemão.

COMENTANDO...

No Batalhão de Paraquedistas impunha-se criar um jornal que fizesse eco das boas e más notícias, das grandes e pequenas alegrias, mas sobretudo fizesse conhecer a toda a Famíl a Paraquedista, assuntos elucidativos, instrutivos e recreativos. Esse jornal nasceu, e hoje pela primeira vez será lido por todos nós, com orgulho e carinho.

Em todas, ou guase todas as Unidades, foi fundado um jornal igualmente criado para o mesmo fim a que este nosso se impõe. Que « . SALTA!» seja sempre cada yez melhor e nunce por nunca esmoreça nos seus intentos, que não são mais que impulsos e intentos nobres, para a educação e recreação dos rapazes que neste jóvem Batalhão invergam a farda da Aeronáutica.

Um jornal, quer seja um orgão privado, quer não, traz muitos aborrecimentos e desenganos, muita canseira e trabalho... Este, como tantos outros, acarreta o esforço daqueles que tiveram a luminosa ideia de e fundarem. Por isso temos o dever de incitar e ajudar o seu criador, dar-lhe coragem, já que assim ficará para cada um de nós, uma recordação do que d a a dia se for passando na rotina desta Unidade Miliar, que no país é a única e a mais nova.

Portanto, ao escrever estas modestas e despretenciosas linhas eu peço a todos vós os mesmos votos que formulo para este mensário:

«Que sempre e cada vez melhor vá saindo da máquina de impressão».

M. Teixeira Martins
Sargento Paraquedista

Agradecimento

Agradecemos a todos os que de boa vontade, connosco colaboraram, e apelamos para aqueles que o não fizeram, um pouco de vontade para o número de Outubro.

Para o Ex.mo Comandante da E. P. E. e Director das Oficinas, aqui fica patente o nosso agradecimento, pela maneira gentil como nos franquearam as portas; ajudando-nos altamente na realização do que era apenas um sonho... o nosso jornal.

DO ESTRANGEIRO...

FESTIVAL AERONÁUTICO EM SANTANDER

Realizou-se no passado dia 18 de Agosto, na cidade de Santander — Espanha, um festival aeronáutico em que participaram tropas paraquedistas.

Foi destacada da Escuela Militar de Paracaidistas — Alcantarilla, em direcção ao local do festival, uma patrulha de paraquedistas acrobráticos, para no mesmo tomar parte.

A composição da patrulha, era comandada pelo Director daquela Escola. Esta formação denominada «Los abanderados», lançou-se no espaço num salto de abertura retardada e sendo portadora dumas grandes bandeiras com as cores nacionais de Espanha, que desfraldaram ao vento.

❖ ❖ ❖

PARAQUEDISTAS PARA O CANAL DO SUEZ

Como todos sabem muito bem, há já algum tempo que se vêm travando lutas — embora por enquanto sòmente diplomáticas — sobre a questão do canal do Suez.

A Inglaterra, como principal participante dessas lutas, e, prevendo que para o futuro possa deivar de haver diplomacia nessa questão, tem enviado tropas para as imediações do mesmo canal.

Assim, embarcaram este mês, em Portsmouth, no porta-aviões «Thessens» unidades da 16 Brigada Independente de Paraquedistas, cuja missão será agir, quando os factos a isso obrigarem.

ACIDENTE MORTAL

Faleceu no passado dia 26 de Agosto, vítima de um acidente de viação, quando regressava da Praia da Nazaré, o 1.º sargento paraquedista Luís de Oliveira. O trágico desastre, ocorreu perto de Porto de Mós, quando a vítima embateu violentamente, com uma camioneta que circulava em sentido contrário.

Esta morte causou profunda consternação pois que o infortunado, contava sòmente 34 anos e era estimado por todos. Deixa viúva e 4 filhos menores.

Paraquedista, a morte não é horrível; triste é morrer sem glória ou viver sob o jugo da derrota.

PROMOÇÕES

Pela O. S. de 29 de Agosto, foram promovidos ao actual posto, os 2.os Sargentos paraquedistas Manuel C. Gonçalves, Marco Aurélio T. Martins, Aureliano B. Gaspar e o 2.º Sargento de cavalaria em serviço neste Batalhão, José Neto P. de Amorim Rosa, e ainda os Furrieis Fernando M. Machado Lopes, Filinto A. Gouveia e Agostinho Cavaco. Aos recém-promovidos, «...SALTA!» deseja os melhores votos de felicidades e uma carreira brilhante.

Curiosidades Historiográficas

O Paraquedismo hoje em dia, é a nota principal das conversas gerais. Ser paraquedista é seguir o exemplo dos pioneiros, como Lenormand, que em 1783, se lançou duma determinada altura, suspenso em dois guarda-chuvas e afirmando ser possível fazer-se o mesmo sòmente com um, o que aliás não fez. Mas antes, muito antes ainda, na China e em ano de 1306, pela coroação dum imperador cujo nome não é possível saber-se, porque esta afirmação é imprecisa e talvez não passe de lenda, se tentou uma experiência com paraquedas No entanto, històricamente é certo que Leonardo de Vinci, desenhou um tipo de paraquedas, em forma rectangular e em 1593, no «Livro de máquinas novas» de Venanzio, apareceu uma gravura que representava um paraquedista lancando-se duma torre.

Mas o ensaio prático do paraquedismo, data de 1797, em que o grande sábio francês Jacques Garnerin construiu o primeiro paraquedas não rígido. Fez primeiramente o lançamento dum cão e mais tarde no dia 22 de Outubro do mesmo ano, lançou-se ele próprio de um balão a mil metros de altura.

François Blanchard, outro francês e após dois anos, repete a mesma proeza mas sòmente a 300 metros, na cidade de Londres.

Foi então que o paraquedismo tomou o rumo do aperfeiçoamento de pormenores mas não na estrutura geral do paraquedas.

Em 1819, pela primeira vez em Portugal, foi efectuado um salto. Foi no dia 5 de Dezembro (Domingo) desse ano, que o inglês Robertson, se lançou na quinta do Visconde da Baía, Entremuros.

Após esta, muitas outras experiências se efectuaram em Portugal, e entre elas conta-se a da Senhora Portevin e do espanhol Pastor que no Jardim Zoológico das Laranjeiras, se lançou de 25 metros de altura para um lago, saindo muito contuso por não ter tido êxito o lançamento

Na verdade porém, o verdadeiro inventor do paraquedismo foi o americano Leslie Irving que em 28 de Abril de 1919 se lançou de um avião voando a 900 metros de altura.

Daí se começou a distribuir paraquedas a todos os aviadores e formou-se corpos voluntarios de paraquedistas, que tão importante papel tiveram na última guerra.

Mais tarde então, efectuaram-se as descidas para recordes e entre o norte-americano Mening e o russo EvdoKimoff, o francês Williams lançou-se de 10.800 metros, cujo tempo de percurso gasto foi de 170 segundos. Mais modernamente existem outros recordes, como sejam os femininos por Collete Duval e Odette Rousseau, chegando assim o paraquedismo à ordem do dia.

Marco Aurélio

RECORDANDO...

Esboço Histórico

(Continuação da página 1)

Últimamente, em 1 de Julho, «Dia das Forças Aéreas» e integrado nas comemorações daquele dia, efectuadas no Aeroporto da Portela de Sacavém, sob umas condições atmosféricas totalmente desfavoráveis, realizou-se mais um lançamento de Paraquedistas. Seguidamente, em formatura e na sua maior força, recebeu o Batalhão de Caçadores Paraquedistas, das mãos de S. Ex.ª o Senhor Presidente da República, a Bandeira Nacional, frente à qual prestaram juramento de fidelidade.

Mais uma vez, em Ordem à Aeronáutica e por Portaria de 1 de Julho, são louvados todos os Oficiais, Sargentos e Praças do Batalhão, pela maneira como sempre souberam apresentar-se.

Eis-nos desta forma chegados nas nossas recordações, aos presentes dias.

O *Passado*... mostra-nos a força de vontade e o esforço dispendido, vencendo as dificuldades que se apresentaram ao criar-se a nova Unidade de maneira a que honre as Forças Armadas.

O *Presente*... mostra-nos que as dificuldades ainda continuarão e que temos um propósito firme, para fazer de cada uma delas um êxito.

O *Futuro*... **«Que nunca por vencidos se conheçam».**

Claudino Ferreira

Paraquedista: Por a rua vai com passo decidido, olhando alto e com orgulho; que teu porte e olhar, tanto como teu emblema, vão dizendo a todos quem tu és.

Um individuo, cujo filho acabava de obter o brevet de piloto de avião a jacto, dizia: — Parece impossível!... Eles não acham de mais em mandá-lo pilotar um avião que custa milhares, e ainda há pouco tempo eu tinha tanto receio de deixá-lo guiar o nosso automóvel.

Pela rádio anuncia-se: — Estimados ouvintes, acabamos de receber a notícia de uma grande catástrofe na história do paraquedismo. Porém, primeiro iremos enunciar as marcas e casas que patrocinam este programa.

Vendo os recém-casados saírem da Igreja, um convidado diz a outro: — Ali iria eu, se não fosse um instante de raciocínio no lago enluarado no último verão.

Não gosto daquele rapaz que é paraquedista! Confiou uma rapariga a sua amiga. — Tu não imaginas quantas canções indecentes ele sabe! — E ele canta-as para ti? — Indagou a amiga. — Cantar, não canta mas assobia.

Que idade tem? — Perguntou o juiz. Lembre-se que está sob juramento. Responde a ré: — Vinte e um anos e alguns meses. — Quantos meses? Insistiu o juiz. — Cento e oito.

Um Sargento indaga dum candidato a paraquedista: — Que referências pode apresentar? Ele responde: — Tenho um coração de brouze, um estomago de ferro, nervos de aço e chamo-me saltão.

Num jardim, uma marmota brincava com um pequerrucho. Foi então abordada por um casanova paraquedista. — A Menina não quer brincar comigo?! Ela respondeu: — Brinco mas só depois do recolher.

Os Paraquedistas, habituados a colidirem no espaço, resolveram fazer exibições no solo! O caso é que, um equipado com um potente V8 e outro com uma bicicleta, resolveram puxar os cordões para o mesmo lado, e záz! Depois foi só meter a primeira e arrancar cheio de calma com mais tantos $. Logo depois, nos meios paraquedistas, resolveu-se por unanimidade que tais exibições deveriam continuar e se possível, intensificarem-se para gláudio dos espectadores.

Um sargento foi admitido aos exames para ingresso na Escola do Exército. Depois de findos estes, quando regressou à Unidade, um sargento seu amigo, dirige-se a ele e trava-se o seguinte diálogo:

— Então, fizeste todos os exames?
— Sim, todos.
— Como ficaste?
— Como no Polo Norte!
— Não compreendo. Que queres tu dizer com isso?
— Quero dizer que foi tudo abaixo de zero.

Um soldado falando do tempo em que o pai era militar, dizia a um amigo: — Meu pai era tão bom e tão delicado, que no campo de batalha, quando não podia salvar nenhum camarada, salvava-se a si próprio.

Numa Escola de Paraquedistas, realizava-se o 1.º salto, desde o avião, duma Companhia de recrutas.

Chegou o momento do salto e o instrutor deu a ordem de salto, mas ninguém saltou. Passados momentos avançou com rapidez, o último da patrulha, dirigiu-se para a porta e lançou-se no espaço, seguindo os restantes logo atrás.

Na festa comemorativa do salto, é chamado o homem que saltou em número um, sendo condecorado pelo seu arrojo. Depois, pergunta-lhe o Comandante: — Como foi, que tiveste tanta coragem para saltares em primeiro?

— Coragem!... Responde o recruta. O que eu queria saber, era quem foi o esperto, que por cima da porta escreveu W. C.!...

Talvez não saiba que . . .

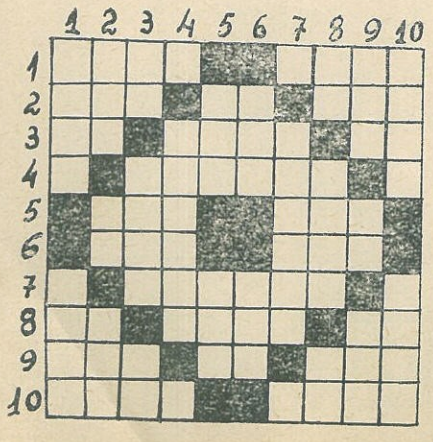
A *Anartria* é a dificuldade ou impossibilidade de articular determinadas palavras por causa da paralisia de certos músculos. É devida a lesões do núcleo lenticular do cérebro e pode aparecer no alcoolismo agudo e noutras psicoses tóxicas.

Dissolvendo em água morna um pouco de vinagre e um pouco de salitre. Mergulhando nesta solução um pouco de algodão, esfregando todas as noites e de manhã, os pés, atenuará as dores e custar-lhe-á menos a andar.

A árvore mais velha do mundo parece ser uma existente no monte Tambourine, na Austrália. Tem sete metros de altura e avalia-se a sua idade em doze mil anos.

O nome dado aos actuais estabelecimentos de ensino secundário, provém de chamar-se Liceu um passeio de Atenas, na antiga Grécia, no qual Aristóteles dava lições.

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS

1 — Aumenta; tira de couro com que os besteiros revestiam a palma das mãos. 2 — Vertebrado volátil com penas e bico córneo; cont. da prep.; escarnecer. 3 — Nota musical; gato selvagem de Madagáscar; nota musical. 4 — Palanfrório. 5 — Textual; pron. pessoal. 6 — Liga; partida. 7 — Vê com estranhesa. 8 — O mais; Ópera de Verci; pron. pessoal. 9 — Chefe etíope; ali; cidade espanhola. 10 — Peças de madeira em forma de moldura, com que se guarnecem os vãos das janelas; cingir com laçada.

VERTICAIS

1 — Desencalhado; que não é densa. 2 — Tumore mole nas bestas produzido pela dilatação das sinoviais; apelido; pátria. 3 — Nome de letra; trança feita com fios de piteira; isolado. 4 — Balcão de janela que ressai da parede. 5 — Ceder gratuitamente; muitos. 6 — Liga de mercúrio e estanho, aplicada nos espelhos; partida. 7 — Divide em leiras 8 — Partir; nome de mulher; consoante dobrada. 9 — Contrair os músculos da face em consequência duma impressão alegre; vogal dobrada; rio português. 10 — Espeço pescorrido em certo tempo, pelo raio vector de um astro; cair precipitadamente.

Um conto

SER ALGUÉM

Por Macedo Fernandes

Estudar. Aprender. Saber, era a sua única obcecção. Jámais minuto ele perdera que tivesse a mínima parcela de ócio. Donde era? Poucos o sabiam. Não só porque não lhe perguntavam como também porque com ninguém ele se abria em confidências que decerto seriam bastante curiosas para um escritor falto de temas.

Para uns, era o Leites. Para outros não deixou de ser nunca o 514, já mesmo quando o seu posto hierárquico esse número dispensava. «O Estudante» é que jámais deixou de ser para todos, e, quando este epiteto tinha razão de ser por se encontrar embrenhado na leitura, já da gramática com toda a sua horrenda — como os outros lhe diziam — sintaxe e fonologia, já quando enegrecia folhas de papel escrevendo números e mais números a fim de encontrar a solução de um problema da «matmática», que os outros achavam bastante prestável quando em uso no fim do mês para elaboração do pré, ele era o motivo duma velada chacota que pressentia mas não queria tentar compreender.

Quando «assentara praça» resolvera «ser alguém» e, não seria agora, só porque os seus colegas o queriam achar motivo de chalaça, que ele desanimaria nos seus propósitos de chegar a furriel ou sargento, e quem sabe, até talvez a oficial. Já outros o tinham feito e decerto não tinham tido mais vontade de estudar que ele. Se este sonho se realizasse, como ele riria então de quem agora fazia chacota das horas que ele roubava aos seus prazeres para se dedicar aos livros.

...Assim. Aquele que no dia em que se alistara respondera «analfabeto» à pergunta que lhe haviam feito quanto a habilitações literárias, fizera já, graças à sua vontade e sacrifício, o 2.º ciculo, esperava a todo o momento pela promoção a furriel, posto a que já tinha direito.

Não descansara porém aqui a sua ânsia de ser o que ele chamava de «alguém», e, já sargento, continuou os seus estudos, mas, agora já o dia lhe não era suficiente e às 3 horas da manhã não seria difícil encontrá-lo estudando no seu quarto com os olhos postos nos livros e o pensamento nuns galões de oficial.

Alguns seus colegas com dificuidade tinham chegado a furriéis e decerto só não vegetariam nesse posto porque para o posto imediato já não eram necessários mais estudos, mas tinham sim criado um lar que ele às vezes invejava mas que seria imcompatível com as suas aspirações. Tudo sacrificaria ao seu desejo, nem que para isso tivesse que levar um resto de existência sem as carícias de uma esposa amorosa, nem os beijos carinhosos dos filhos.

...Já 1.º sargento, ele pressentia que estava prestes a atingir o seu fim e bendizia as horas que havia deixado de dormir para aproveitá-las no estudo.

Verdade que se não sentia tão forte como quando começara essa luta, mas isso era de somenos importância para ele, e o cansaço que às vezes sentia só o fazia temer que não conseguisse atingir o fim a que se propuzera, «ser alguém», e agora, mais do que nunca, era necessário estudar, pois que o pretender ser oficial não era o mesmo que sargento e se até aqui ele havia feito esforços mais teria que fazer para o futuro. Se até aqui se deitava às 3 horas da manhã para diante fá-lo-ia só às 5.

E mais uma vez ele não desmentiu a sua alcunha de «o estudante». De nada valeram os avisos de alguns colegas amigos, de que estava a dar cabo da sua saúde. Quantas vezes olvidava as horas da refeição embrenhado nos estudos.

...Já depois de ter prestado provas para ascender ao posto que era toda a sua ambição, e ansioso esperava pelo resultado dessas provas, ele resolvera então cuidar da sua saúde que sentia bastante abalada e não fora ainda suficiente para o fazer apoquentar a cara bastante apreensiva que o clínico fizera ao examiná-lo, e, à espera ansiosa do seu novo posto, juntou-se-lhe a espera, para ele de somenos importância, do resultado das análises e das juntas médicas que o haviam examinado.

Os dias tinham para ele a duração de séculos.

«Aprovado com 19 valores». Fora o resultado do seu exame e que o guindava ao posto por ele ambicionado de oficial, «ser alguém».

«Tuberculoso em último grau devido ao excesso de trabalho e falta de repouso». Fora o resultado das análises e juntas médicas a que havia sido submetido.

E... Agora. Àquele que tanto lutara, iuclusivé estragara a sua saúde para «ser alguém», bailava-lhe perante os olhos, que quáse se haviam enevoado de tanto lerem, aquela verdade que o inibia de *«ser alguém na vida»*.

Ultimas notícias

ACIDENTE MORTAL

Vítima de um acidente de viação, faleceu no passado dia 5 de Setembro, o soldado paraquedista José Marques de Carvalho.

O trágico acidente ocorreu na estrada Entroncamento - Golegã e em virtude de se ter partido a direcção do veículo em que transitava.

Foi profunda a consternação que causou esta morte, pois a vítima era estimada por todos e contava sòmente 24 anos.

...SALTA!

Orgão Mensal do Paraqedista

Director e Editor

Tenente Fernando Soares Cunha

Redactor Principal

Furriel Claudino Cruz Ferreira

Composto e Impresso nas

Oficinas Gráficas da E. P. E.

Ano I — Setembro — N.º 1 — 1956